

A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: um encontro com Paulo Freire

Cecília de Sousa Reibnitz¹

Eixo temático: Alfabetização e história

Resumo: Em São Tomé e Príncipe, após a conquista da independência em 1975, as campanhas de alfabetização tiveram grandes dimensões, com intensa mobilização política e popular, uma vez que a educação era parte importante da luta para a reconstrução nacional e no processo de descolonização. Paulo Freire contribuiu para esse processo na fase inicial. O presente trabalho se debruça sobre a chegada do educador brasileiro ao arquipélago africano, para tanto, além de depoimentos encontrados em sua bibliografia, analisa-se vestígios encontrados na imprensa santomense, conversas e entrevistas realizadas no país. Trata-se de uma memória muito presente entre os mais velhos da sociedade, mas pouco analisada e registrada.

Palavras-chaves: São Tomé e Príncipe; alfabetização; Paulo Freire; Monte Mário.

A alfabetização e educação de jovens e adultos esteve, a maior parte do tempo, renegada no arquipélago africano de São Tomé e Príncipe. Isso por se tratar de uma história de colonização que perdurou mais de 500 anos². De acordo com dados informados, estima-se que havia um contingente de cerca de 80% da população não alfabetizada em 1975³, antes da independência (SÃO TOMÉ e PRÍNCIPE, 2012).

Apesar da dificuldade de se encontrar estatísticas no período, deparei-me com uma informação surpreendente no ano de 1985, que indicava que a taxa de analfabetismo pode

¹ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Bolsista financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Contato: cecilia.reibnitz@gmail.com

² Apesar de não haver consenso, as teorias mais aceitas atualmente apontam que as ilhas estavam desabitadas quando da chegada dos portugueses. Tampouco o primeiro desembarque de portugueses tem data segura e gira em torno de 1470 (ESPÍRITO SANTO, 2021).

³ Outras fontes, criadas pelo governo colonial, apontam para percentagem bem diferente, em torno de 50%. Optei por usar o dado de 80%, presente em alguns documentos e nos relatos orais de muitos entrevistados, apesar de não saber como este número foi calculado.

ter caído para 22% da população⁴. Ou seja, praticamente teria invertido a proporção entre aqueles que sabem ou não ler. Sem dúvida, uma grande conquista, dificilmente encontrada em outras partes do mundo. As campanhas de alfabetização tiveram grandes dimensões no país, com intensa mobilização política e popular, uma vez que a educação era parte importante da luta para a reconstrução nacional depois da independência e no processo de descolonização.

Passados quase 48 anos da independência, São Tomé e Príncipe apresenta como últimos resultados de pesquisa uma taxa de alfabetização de 90,1%, considerada a melhor indicação entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)⁵. Embora as estatísticas sejam necessárias, escondem uma série de nuances, como a grande disparidade entre homens e mulheres, imprecisões e um vai-e-vem de campanhas e políticas públicas destinadas ao tema.

O objetivo de minha pesquisa de doutorado é procurar entender os caminhos dessa história. Neste artigo, analisarei um momento específico: a chegada de Paulo Freire a estas ilhas do Equador e a formação dos Círculos de Cultura, a partir do final do ano de 1976. Para tanto, analisarei principalmente a documentação impressa encontrada Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe. Há muitas lacunas em tais fontes e, certamente, não preenchem a dimensão da experiência, que pode ser muito melhor percebida a partir de conversas e entrevistas realizadas - mencionarei algumas brevemente, uma vez que não há aqui espaço hábil para análises mais detidas⁶.

Trata-se de uma pesquisa em andamento e os resultados aqui são parciais e se referem a um pequeno recorte da investigação. Desde abril de 2022 tenho a oportunidade de viver na ilha de São Tomé, na cidade de São Tomé, capital das “ilhas do Equador”, um dos epítetos pelos quais o país é conhecido, já que a linha imaginária do Equador de fato cruza o território. Também chamadas de “as ilhas do meio do mundo”, porque o meridiano de Greenwich está muito próximo, sendo esta a nação que mais se aproxima do “centro” do globo; ou, ainda, “as ilhas maravilhosas”, por suas deslumbrantes belezas naturais; e, de modo diferente, valendo-se da sigla do país, STP, é comum ouvir a expressão “somos todos primos” – afirmação que denota tanto relações de parentesco em uma comunidade pequena⁷, como um sentido de proximidade e camaradagem.

⁴ Esta informação encontra-se no jornal *Revolução*, (11/09/1985, p. 2).

⁵ “São Tomé e Príncipe alcança a maior taxa de alfabetização dos PALOP”. Ceiri News. Notícia disponível em: <https://ceiri.news/sao-tome-e-principe-alcanca-maior-taxa-de-alfabetizacao-dos-palop/>. Acesso em 08/06/2022.

⁶ Muitas das entrevistas foram realizadas de forma coletiva, com a criação de um grupo de pesquisa no Instituto Superior de Educação e Comunicação (ISEC) que integra a Universidade de São Tomé e Príncipe (USTP), de modo que jovens estudantes possam conhecer e investigar também essas histórias.

⁷ De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), a população atual do país é de cerca de 210 mil habitantes. No período da independência, ao qual se refere o artigo, era estimada em menos de 100 mil.

Antes mesmo da independência, há notícias e, principalmente, relatos orais a respeito de aulas de alfabetização para adultos. O *ensinar-aprender* a ler em São Tomé e Príncipe começava com a euforia e boniteza do desejo de independência. Na ilha do Príncipe, por exemplo, um dos entrevistados contou que tinha estudado na escola até o quarto ano, o que o tornava uma das pessoas com maior escolaridade em sua zona, e se tornou alfabetizador, dizendo ter, certamente, alfabetizado mais de 500 pessoas.

O período seguinte se inicia com a vinda de Paulo Freire. Devido à sua experiência com alfabetização de adultos poderia contribuir com a sistematização desse ensino. No livro *A África ensinando a gente*, Alberto Neto e Alda do Espírito Santo contam para Sérgio Guimarães esse processo:

ALBERTO: [...] É que houve aquela euforia, não é? “Vamos fazer, vamos fazer, sim, senhor!” E o Paulo Freire aparece, no momento, como alguém que vem, em certa medida...

ALDA: ...dar continuidade ao processo que já tínhamos começado.

ALBERTO: Nós não tínhamos experiência, éramos naives nessa filosofia, nessa ciência. Então, Paulo Freire dá-nos alguma luz, em termos de metodologia. Não quer dizer que a gente não soubesse. Sabíamos, já alfabetizávamos aqui em São Tomé. Havia as tais escolas do mato, onde a gente ensinava a escrever, e tal. Mas no processo de politizar a população, o Paulo Freire entra ali com uma filosofia que realmente ajudou muito a população. (FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 71)

Alda Espírito Santo é um símbolo de São Tomé e Príncipe e foi uma figura central nessas campanhas de alfabetização. Torna-se difícil descrevê-la por todas as suas facetas, todas as frentes em que atuou e memórias que evoca em sua terra natal. Nascida na cidade de São Tomé em 1926, foi poeta, militante, professora, jornalista, política... Após a conquista da independência, assumiu o cargo de Ministra da Educação e Cultura, depois o da Informação, além de atuar como deputada, muitas vezes sendo a única mulher nesses espaços. Foi quando esteve à frente do segundo ministério que conheceu e trabalhou com Paulo Freire. Em conversa com Sérgio Guimarães, a poeta-política-professora afirmou: “Paulo Freire fez aqui um trabalho extraordinário! Foi criada uma comissão nacional para a alfabetização, em que faziam parte representantes de todos os ministérios” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 69).

A chegada

Em sua andarilhagem pelo mundo, Paulo Freire desembarcou pela primeira vez em São Tomé e Príncipe no dia 1º de dezembro de 1976, acompanhado por sua esposa, Elza Freire. Interessava-me encontrar vestígios na imprensa acerca da primeira vez em que Paulo Freire viera ao país, para aquilatar a dimensão da repercussão inicial de sua presença na ilha. Ideias e conceitos do educador estão em sintonia com o jornal *Revolução*, o único publicado no período. Há, por exemplo, um artigo nomeado “A Educação como prática da liberdade”

(REVOLUÇÃO, 09/01/76, p. 6), título de um livro de Freire publicado em 1967, mas não mencionado ao longo do texto. Parece-me que o educador brasileiro não era, de modo geral, muito conhecido nessas ilhas equatoriais, como se pode concluir a partir do depoimento de Alda Espírito Santo, sobre como se realizara a ponte entre Freire e a ilha de São Tomé:

Internacionalmente Paulo Freire era muito conhecido, mas tive a felicidade de conhecê-lo em São Tomé, porque nessa altura uma são-tomense, Maria Amorim, que foi ministra dos Negócios Estrangeiros, estava em Genebra e era muito amiga do Paulo Freire. (FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 68-69)

Uma das entrevistadas, a atual professora universitária Ana Maria Vera Cruz, corroborou com esta ideia, afirmando que pouco antes da chegada de Freire, Alda Espírito Santo reuniu a equipe que trabalhava com alfabetização para os informar quem iria chegar e os “preparar” para o encontro.

Em janeiro de 1977, o periódico divulgou uma seção com a retrospectiva dos acontecimentos diários do mês de dezembro do ano anterior. Está ali a primeira menção ao educador brasileiro no periódico santomense: “[...] chegou ao País o professor Paulo Freire, Conselheiro do sector de Educação do Conselho Ecuménico das Igrejas que se fez acompanhar de sua esposa e companheira de trabalho, camarada Elza” (REVOLUÇÃO, 21/01/1977, p. 1). O *Primeiro seminário de alfabetização* se encerraria no dia 18 daquele mês, com discurso do presidente do país, Manuel Pinto da Costa. Percebe-se a importância simbólica conferida ao evento, pela presença dos dois principais políticos de São Tomé e Príncipe, presidente e primeiro-ministro, participando e discursando nas sessões.

A maior parte da reportagem é composta pela transcrição dos respectivos discursos. Além disso, há quatro fotografias do evento. Em três delas se vê a realização do Seminário, com destaque para as autoridades presentes; por uma delas se percebe que há mesas individuais, como as escolares, dispostas em círculo e uma mesa mais comprida e elevada, próxima à parede em que se lê 1º Seminário Nacional de Alfabetização. Na sessão de abertura, vê-se a foto da mesa com o primeiro-ministro, e na de encerramento com o presidente, usando seus inseparáveis óculos-escuros, em uma e outra sempre acompanhados de Paulo e Elza Freire, únicos sujeitos brancos fotografados no evento. Na fotografia do último dia, Freire e o presidente fumam um cigarro, relaxados, talvez cansados ao fim do evento e do intenso calor santomense.

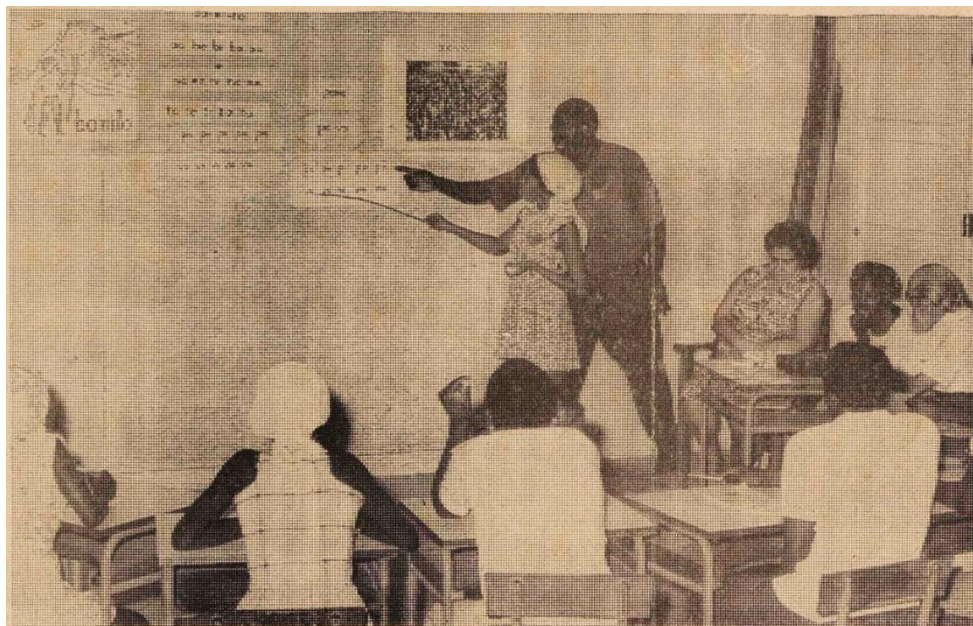
Figura 1: Encerramento do Seminário de Alfabetização



Fonte: Jornal *Revolução*, 21/01/1977, p. 3.

Outra foto que também destaco é a única que exhibe ambiente diferente do Seminário. Mostra uma sala de aula.

Figura 2: Uma lição integrada no 1º Seminário de Alfabetização, em Monte Mário



Fonte: Jornal *Revolução*, 21/01/1977, p. 2.

Na foto se veem letras nas paredes formando sílabas e se pode ler a palavra bonito em um cartaz, que se refere ao nome de um peixe muito consumido no país, e segunda palavra-geradora presente no *Primeiro caderno de cultura popular*. Também se vê uma imagem colada na parede, pouco nítida, mas que parece ser uma foto com muitas pessoas,

à semelhança das capas dos livros *A luta continua*⁸. Uma mulher e um homem estão em pé no fundo da sala; ela aponta uma varinha em direção às sílabas, e parecem estar ensinando-aprendendo a decodificá-las. Identificamos que o homem era Jorge Batista, que mais tarde seria o responsável pelo departamento de alfabetização dentro da direção do ensino para trabalhadores, e a mulher é a professora Ana Maria Vera Cruz, já mencionada – ambos participaram do grupo que durante aqueles dias se deslocava diariamente da cidade capital para Monte Mário com Paulo Freire. Em primeiro plano na fotografia, outras pessoas sentadas de costas observam a lição, enquanto na lateral Paulo Freire parece conversar com uma mulher a seu lado e, por fim, Elza Freire, na ponta do semicírculo, sentada, toma notas atentamente.

O trabalho em São Tomé, bem como em todos os locais que Paulo Freire atuou, deu-se, portanto, de forma coletiva, ouvindo e aprendendo com todos os envolvidos. Elza Freire, professora e alfabetizadora, foi também peça fundamental dessas experiências.

Apesar de não serem descritas com detalhes as atividades do Seminário, a retrospectiva do mês de dezembro indicou que no dia 5 houve “[...] visita à zona piloto da Praia Monte Mário”. Passemos agora a conhecer um pouco esta localidade, que inaugurou a campanha de alfabetização de forma mais sistemática no país.

Monte Mário

Monte Mário é uma pequena localidade situada a 61 km da cidade capital São Tomé, no distrito Caué, ao Sul da ilha de São Tomé, que se alcança depois de percorrer uma estrada ainda hoje difícil, com muitos morros, curvas, falta de calçamento. Visitamos a comunidade com o grupo de investigação criado junto à USTP, realizamos conversas, entrevistas e “recriamos” algumas das fotos. Muitos moradores ainda guardam memórias e afetos daquela experiência piloto, se emocionaram ao ver as fotografias antigas e algumas senhoras ainda guardavam o *Primeiro caderno de cultura popular*.

⁸ Os *Cadernos de cultura popular* e outros materiais produzidos na experiência de São Tomé e Príncipe com a participação do Instituto de Ação Cultural (IDAC) estão disponíveis no acervo digital do Instituto Paulo Freire, todos eles possuem o título *A luta continua* - <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/>. Acesso em 20 ago. 2022.

Figura 3: fotografia em Monte Mário, identificando imagens antigas com os moradores. Na sequência: Argentino Marcos do Espírito Santo, José Bragança, atrás Constantino Malta Espírito Santo (vulgo Zumbi), Vicente Elias e a autora.



Fonte: acervo pessoal.

Alda Espírito Santo também realizou um belo relato sobre a experiência no local:

E, então, começava o processo de alfabetização precisamente pelo sul da ilha, na região mais inóspita, região voltada para o mar, num pequeno lugarejo. Estávamos no princípio, houve a nacionalização e tudo mais. E havia um indivíduo que estava nessa pequena povoação, Monte Mário. Era um português, que estava à frente da dependência de Monte Mário e que tratava ainda os seus trabalhadores da velha forma, à antiga. E o mais engraçado é que o processo de alfabetização fez com que a população... como é que se chamava na altura o fato de fazer com que o indivíduo saltasse, saísse da vossa frente? Até havia um termo especial. Enfim, ele foi excluído do trabalho que fazia, devido ao processo de alfabetização. As pessoas começaram a libertar-se mentalmente e a ver que aquele indivíduo os tratava mal. (FREIRE, GUIMARÃES, 2011, p. 70)

Um pouco adiante na entrevista, a poeta-política-professora lembra que a palavra usada naquelas situações era “sanear”. O relato mostra que a educação realizada no local cumpria seu objetivo como arma para a libertação de seus sujeitos. Muito mais do que o aprendizado de letras e palavras, a campanha de alfabetização se propunha a promover uma educação crítica, possibilitando ao povo “dizer sua palavra” (FREIRE, 1989), tomar o seu lugar na luta, se libertar dos opressores e de toda forma de opressão.

O presidente Pinto da Costa também se mostrou particularmente entusiasmado no discurso que realizou sobre a experiência inicial em Monte Mário, sendo o encerramento do curso realizado com a presença dos próprios moradores daquela localidade:

Um círculo de cultura existe já na Praia de Monte Mário. Os alfabetizados deste círculo são a certeza de que o silêncio já não é possível. [...] Outros círculos serão

criados noutras áreas populacionais do nosso país, que irão revelando às massas a sua força, o seu poder de enterrar o velho e de criar e recriar o novo. (REVOLUÇÃO, 21/01/1977, p. 3)

Um último relato de Paulo Freire a respeito do evento, que considero deva ser mencionado, foi um tocante aprendizado que se deu em Monte Mário:

Entre as inúmeras recordações que guardo da prática dos debates nos Círculos de Cultura de São Tomé, gostaria de referir-me agora a uma que me toca de modo especial. Visitávamos um Círculo numa pequena comunidade pesqueira chamada Monte Mário. Tinha-se como geradora a palavra bonito, nome de um peixe, e como codificação um desenho expressivo do povoado, com sua vegetação, as suas casas típicas, com barcos de pesca ao mar e um pescador com um bonito à mão. O grupo de alfabetizando olhava em silêncio a codificação. Em certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se tivessem combinado, e se dirigiram até a parede em que estava fixada a codificação (o desenho do povoado). Observaram a codificação de perto, atentamente. Depois, dirigiram-se à janela da sala onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entreolharam-se, olhos vivos, quase surpresos, e, olhando mais uma vez a codificação, disseram: “É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos”. Através da codificação, aqueles quatro participantes do Círculo “tomavam distância” do seu mundo e o re-conheciam. Em certo sentido, era como se estivessem “emergindo” do seu mundo, “saindo” dele, para melhor conhecê-lo. No Círculo de Cultura, naquela tarde, estavam tendo uma experiência diferente: “rompiam” a sua “intimidade” estreita com Monte Mário e punham-se diante do pequeno mundo da sua quotidianidade como sujeitos observadores. (FREIRE, 1989, p. 25)

“Monte Mário é assim e não sabíamos”: a educação como possibilidade de permitir o re-conhecimento do seu mundo, com “olhos vivos”. *Pá tudú povô bili uê*, em língua forro, uma das mais faladas no país, era uma das expressões encontradas na capa do *Caderno de actividades* usado nas aulas de alfabetização, significa “para todo o povo abrir os olhos” e pode ser entendida como uma síntese dos objetivos daquelas campanhas. Alcino Sousa, um dos entrevistados que trabalhou por muitos anos como animador cultural, falou com ênfase a respeito desse desvelamento, da alfabetização como possibilidade de enxergar melhor sua própria realidade.

É curioso pensar que, se a chegada de Paulo Freire e a cronologia de alguns eventos do Seminário são descritos a cada dia do mês de dezembro, sua partida não é, contudo, anunciada. Sabe-se que o Seminário se encerrou em 18 de dezembro de 1976, mas não quando Paulo Freire e Elza deixaram a ilha. Talvez, em um sentido metafórico, tenham permanecido em São Tomé...

Houve ao menos seis viagens de Paulo Freire para as ilhas do Equador. Foi o que o próprio educador contou em uma entrevista ao jornal *Revolução* em março de 1979, quando previu regressar ao país no mês de agosto. Até o momento não encontrei confirmação de tal vinda – sua anistia política no Brasil se aproximava.

De qualquer forma, os contatos foram mantidos, ao menos de forma esporádica por meio de cartas, e muitas memórias permanecem vivas entre sujeitos entrevistados e conversas informais nas ilhas maravilhosas. Cabe para futuras apresentações explorar essas

lembranças e aprendizados, as marcas que permanecem entre Paulo Freire e São Tomé e Príncipe.

Referências

ESPÍRITO SANTO, Armindo. História de São Tomé e Príncipe: da descoberta a meados do século XIX. Lisboa: Edições Colibri, 2021.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CULTURA E FORMAÇÃO. Carta de política educativa São Tomé e Príncipe (visão 2022). Primeira versão maio 2012. República Democrática de São Tomé e Príncipe, 2012.